

ROMPENDO A EXCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO JOGO: RELATO DO ESTAGIO SUPERVISIONADO

LEANDRO BIANCHINI
VERUSKA PIRES, MSC. (ORIENTADORA)
Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, Santa Catarina, Brasil
bc.leandro@gmail.com

INTRODUÇÃO

A escola é o espaço onde os jovens estão para aprender a se comportarem dentro de uma sociedade, contribuindo assim no processo de evolução e renovação desta. Além dessa visão de controle social, é também na escola o lugar onde os jovens terão conhecimento da nossa história e do espaço ambiental que vivemos. Descobrirão as maravilhas da ciência, aperfeiçoarão a linguagem e a escrita, conhecerão e se relacionarão com outras pessoas, criará a sua identidade, o seu “Eu” construindo assim cada um a sua maneira o seu lado crítico de pensar e ver o mundo.

Nesse convívio social da escola, o jovem aprenderá a planejar, direcionar e avaliar a sua ação. Ao longo desse processo, ele cometerá alguns erros, refletirá sobre eles e enfrentará a possibilidade de corrigi-los. Experimentaram alegrias, tristezas, períodos de ansiedade e de calma. Tratará de buscar consolo em seus semelhantes. Não concebendo assim a vida em isolamento (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Nesse meio escolar temos as aulas de educação física, onde o corpo é visto em plenitude se tornando o foco da aula, obrigando este corpo a interagir com outros corpos em um ambiente fora do padrão linear e engessado das salas de aulas, possibilitando assim ações motoras como correr, saltar, girar, entre outras com segurança. Com posse dessa liberdade de expressão corpórea e interação com outros, enxergamos as aulas Educação Física como um momento importantíssimo no desenvolvimento crítico de valores sociais, compreendendo temas como respeito, cooperação, inclusão e cidadania.

Considerando que o aluno da Educação Básica já possui capacidade de agir e pensar autonomamente criando condições de exercer seu papel de cidadão crítico e comprometido com a nossa realidade social, espera-se disponibilizar experiências dessa magnitude nas aulas de Educação Física, favorecendo assim sua formação. (SCARPATO *et al.*, 2007).

E é também nas aulas de Educação Física que percebemos um grande problema social que sempre existiu, e ainda se faz presente que é a exclusão social. Parte desse problema pode ser do sistema capitalista que constantemente é retratado em situações esportivas dentro das aulas, levando os jovens a se duelarem uns contra os outros em uma dimensão tão extrema, que quem não for forte e habilidoso o suficiente é taxado de fraco e humilhado pelos outros alunos. Podendo gerar atitudes violentas se caracterizando como *Bullying*. Assim, “caindo por terra” toda à questão de sociabilização que as aulas de Educação Física podem valorizar como conteúdos de aula.

Nessa perspectiva utilizamos dos Jogos pedagógicos para trabalhar questões sociais nos alunos da sexta série de uma escola pública do município de Itajaí – SC. Nosso foco foi trazer o tema Exclusão Social em Jogos pedagógicos diferenciados que favoreceram a reflexão sobre essa temática. A Exclusão social hoje se faz muito presente não só em uma prática esportiva como em toda a nossa sociedade. O preconceito e a discriminação convivem em nosso meio e trazemos de casa essa herança cultural negativa, ou seja, “inocentemente” contribuimos para a exclusão social.

Com o jogo temos a situação de que o aluno vai operar suas ações com significado, o que o faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões. Por isso, o jogo apresenta-se como elemento básico para a mudança das necessidades e da consciência (SOARES *et al.*, 1992, p.45).

METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, onde registramos nossas ações previamente planejadas através de relatórios que analisados nos trouxeram dados relevantes para construção de nossa análise na temática trabalhada. Nessa análise pudemos ver os erros e acertos, os quais serviram para que pudéssemos melhorar nossas ações, ou seja, pontos positivos e negativos da pesquisa, refletindo sobre o desenvolvimento de nossa prática pedagógica.

Inicialmente, planejamos toda a nossa intervenção e construímos um plano de ensino, para nos orientar durante todo o processo. A partir desse plano de ensino, construímos seis planos de aula respeitando o tempo de uma hora. Esses planos foram constantemente modificados com base em nossas análises, para um melhor aproveitamento do tempo propiciando momentos de reflexão durante as aulas.

Após aplicarmos todas as aulas, criamos uma análise geral de nossa intervenção pedagógica com base em nosso tema “exclusão social”. E por fim criamos nossas considerações finais.

PÚBLICO ALVO

Atuamos em uma escola da rede pública do município de Itajaí. Fizemos nossa intervenção no período matutino. Durante esse período ocorrem quatro horários de aulas distintos, com a duração de uma hora cada. Dentre esses quatro espaços de tempo, atuamos no primeiro horário, que vai das sete horas e trinta minutos até as oito horas da manhã, e no último na qual começa às dez horas e quarenta e cinco minutos, encerrando uma hora depois. Nesse primeiro horário nossa sala foi a seiscentos e um “601” e no último a seiscentos e dois “602”, ambas sexta série do ensino básico. A faixa de idade dos alunos ficou entre dez a treze anos.

Em relação ao espaço físico, a escola possui um ambiente amplo, com salas de aula que comportam trinta alunos, biblioteca, refeitório e cantina. Na maior área da escola situa-se o espaço destinado às aulas de Educação Física. Lá possui uma quadra de basquete de concreto, uma quadra de futebol de concreto e outra de areia, uma quadra de vôlei/tênis de concreto. Em volta das quadras possui uma pista de atletismo, possui também um parquinho para as crianças, um pátio ao ar livre envolta de toda a escola e um pátio coberto bem no centro das salas, onde existe um pequeno palco.

São oferecidos para a prática de educação física os seguintes materiais: Raquetes de frescobol, plinto, colchonetes, corda, bola de vôlei, de basquete, de futebol e de borracha, cones, jogos de mesa, almofadas, taco, pinos para boliche, perna-de-pau, rede de vôlei e de tênis, e diversos materiais de madeira sem identificação específica que podem ser utilizados para fazer várias atividades.

METODOLOGIA APLICADA

Nas duas turmas que atuamos, foi levada em consideração a faixa de idade dos alunos, pois nessa fase de pré-adolescência deve-se uma atenção grande na questão de relacionamento social e aceitação, pois estão entrando na adolescência e deixando a infância. A competitividade é inerente a eles, pois isso permeou grande parte de suas experiências até ali. O que legitima a propiciarmos a eles essa reflexão acerca dessas temáticas, com fins de mudança em suas atitudes. Portanto a base de nossa prática foi voltada na reflexão de jogos competitivos e cooperativos.

Nesse entendimento, Brotto (1995) sugere o uso dos jogos cooperativos como uma força transformadora, oferecendo como alternativa os jogos cooperativos, que são divertidos

para todos e todos têm um sentimento de vitória, criando alto nível de aceitação mútua, enquanto os jogos competitivos são divertidos apenas para alguns, a maioria tem sentimentos de derrota e é excluída por falta de habilidades.

Essa situação de exclusão que ocorre nos jogos competitivos demonstra uma visão capitalista e seletiva em um momento que a criança ainda não está preparada. O que de certa forma vai criar pessoas com auto-estima baixa e inseguras se opondo ao que realmente deveria ser. Não que não devemos trabalhar competitividade, devemos, mas de uma forma que não exclua os alunos. Vale citar essa idéia como exemplo: Um jogo de duas equipes, por exemplo "queimada", envolve a situação imaginária de uma guerra onde uma equipe "extermina" a outra com "tiros" de bola. O imaginário da "guerra" vai sendo escondido pelas regras, cada vez mais complexas, às quais os jogadores devem prestar o máximo de atenção. Por esse motivo é conveniente promover junto aos alunos discussões sobre as situações de violência que o jogo cria e as conseqüentes regras para seu controle. Dessa forma, os alunos poderão perceber, por exemplo, que um jogo como a "queimada" é discriminatório, uma vez que os mais fracos são eliminados (queimados) mais rapidamente, perdendo a chance de jogar. Isso não significa não jogar "queimada", senão mudar suas regras para impedir a sobrepujança da competição sobre o lúdico (SOARES *et al.*, 1992, p.45).

Em todos esses aspectos o convívio social do aluno estará se fortalecendo a partir do momento em que ele vai ter que ajudar e ser ajudado por outros em trabalhos de grupo. Como nossa avaliação foi na base da observação, foi dificultoso em um grupo os participantes se prevalecerem de individualismos, obrigando a serem um grupo unido, montando estratégias para atingirem um objetivo comum. Oportunizou a nos trabalharmos nesses momentos questões como preconceito, discriminação, segregação, xenofobia, entre outras relacionadas ao convívio social e a exclusão propriamente dita (QUEIROZ, 1995).

Com os jogos competitivos resgatamos e observamos traços de exclusão social na prática, permitindo assim que os alunos refletissem sobre, e sugerissem alternativas contra a exclusão favorecendo a união da classe e uma efetiva participação de todos.

Uma das estratégias foi o jogo cooperativo, que foi bem aplicado nas aulas como uma solução inclusiva, na qual gerou reflexões no momento final das aulas. Foram também realizadas diversas variações de jogos. Entre esses, podemos citar: jogos com bolas como "queimada" e futebol, jogos sem bola como "pega-pega", estafetas e dinâmicas de grupo. Essa diversidade das estratégias favoreceu a uma dinâmica de aula que se tornou interessante para os alunos, levando-os a aprenderem de forma mais significativa (LIBÂNEO, 1990).

Como instrumentos avaliativos das aulas, utilizamos em grande parte a observação, mas também utilizamos uma prova teórica.

RESULTADOS

Em nossas intervenções práticas desse estágio, foram percebido pontos em comum e pontos destaques. Esses visando tanto questões relacionadas ao nosso tema do estágio (exclusão social) como práticas pedagógicas que se aplicam para controlar situações práticas do cotidiano escolar.

Uma situação de prática pedagógica, que se relacionou com o nosso tema e que foi comum em nossas atividades, foram modificações que tivemos que realizar em nossas atividades, para conseguirmos realizar todos os itens previstos em nosso plano de aula dentro do tempo disponível. Houve inúmeros empecilhos que aconteceram atrapalhando o desenvolvimento e organização das atividades, podemos destacar como exemplo: os comportamentos dos alunos que queriam fazer outras atividades, modificarem regras, que não prestavam atenção nas explicações e o mais importante, alguns não cooperavam com os outros em nada, demonstrando muito o individualismo, ocorrendo assim exclusão para alguns.

Dentre essas modificações nas atividades as principais eram a diminuição da área da quadra e o acréscimo de mais bolas. Estratégias essas que não agradavam a todos,

principalmente para os alunos que se comportavam bem, mas isso favoreceria a reflexão final das nossas aulas.

Propositalmente deixávamos que os próprios alunos escolhessem os parceiros de suas equipes nas atividades. Em uma de nossas primeiras aulas ao fazerem essas escolhas, era notável a infelicidade no rosto de alguns alunos que ficavam de fora da atividade ou que eram os últimos a serem escolhidos.

“Desde que nascemos, parece que só nos oferecem uma opção. Competir, vencer alguém ou ganhar alguma coisa. Vivemos no mundo do primeiro lugar, na ilusão da vitória, onde quem se beneficia dos sorrisos, dos aplausos, dos olhares satisfeitos, das caras de aprovação, dos gritos de exaltação e dos louvores é apenas uma pessoa” (DEUTSCH *apud* AMARAL, 2009, p.35).

Teve uma aula que trabalhamos juntos com uma turma da 4ª série em uma gincana, entretanto o tempo previsto para organizar as equipes que era de cinco minutos foi estendido para quinze minutos, devido o medo de se envolverem com alunos de idades diferentes e desconhecidos.

Na reflexão final das aulas foram percebidos muitos pontos de destaque favoráveis. Isso acontecia após nossa explanação dos objetivos da aula de forma entendível aos alunos. Muitos alunos compreendiam a importância do tema inclusive falavam exemplos de situações passadas, como exclusão em outros momentos dentro e fora da escola. Em uma dessas reflexões um aluno mencionou que não conhecia um só local que não encontrava exclusão. E nesse momento outros alunos ficaram quietos, supomos que também lhe serviam essa opinião. Um outro disse que odiava educação física, pois era sempre discriminado por não jogar bem futebol. “O fato é que algumas crianças não gostam de participar de certas atividades, principalmente as que envolvem a competição, por serem alvos de diversas críticas pelos demais companheiros” (DARIDO *et al.*, 2001, p.20).

Outros não compreendiam a importância do tema, porque estavam mais preocupados em arranjar um vencedor em atividades que não havia vencedores, ou pelo fato de quererem somente jogar futebol e competir. Como se fazer um gol fosse mais importante do que obter uma aprendizagem crítica.

Um fato que se caracterizou como um ponto de destaque foi numa situação em que perdemos um pouco do controle sobre a turma, onde alguns alunos não se comportavam, perdemos nesse momento dez minutos para poder começar a atividade que era uma reflexão. Isso veio a acontecer gravemente nesse momento, mas no geral sempre havia momentos em que tínhamos que intervir com apito ou gritando para manter o controle da aula. Isso ocorre devido em parte pela idade e parte pelo pré-conceito que os alunos têm sobre as aulas de Educação Física. Acreditam que é um momento de pura diversão sem compromisso nenhum.

Criamos uma avaliação teórica sobre os temas “exclusão social” e “cooperação” no final da quarta aula. Foram cinco questões abertas de entendimento conceitual. Obtivemos muitas respostas boas de ambas as turmas.

Na primeira questão que era sobre “o que é exclusão social?”, obtivemos várias respostas que sintetizadas nos deram que: São pessoas excluídas ou que se exclui, que são constantemente discriminadas e que sofrem agressões. Essa resposta, literalmente estava “na ponta da língua” deles, pois desde a primeira aula trabalhamos em cima desse conceito e ajudamos com exemplos práticos para que a apropriação deste fosse significativa. É preciso reconhecer a ação dos professores como alguém que pode mostrar para o aluno a necessidade de certos conceitos e sua aplicabilidade para as questões práticas, sua relação com os conceitos anteriores, para que possa inferir na auto-regulação da aprendizagem dos sujeitos, dando sentido aos conteúdos e possibilitando, assim, uma aprendizagem mais consciente (MACHADO; HOHMANN, 2008, p.127).

Na segunda questão que perguntava “Em que momento em nossas atividades foi percebido Exclusão?”, responderam que era na formação das equipes, nas brigas de gênero entre meninos e meninas, na não participação das atividades, quando houve contato físico, em

todos os momentos e alguns disseram que a exclusão se fazia necessário, os que responderam isso eram alunos que no geral eram muito individualistas. Os que responderam que era na formação das equipes, era devido a nossa estratégia de que em nossas aulas constantemente criávamos equipes, e intencionalmente deixávamos que a escolha do elenco fosse escolhido por eles mesmos. Isso gerava sempre a exclusão dos últimos a serem escolhidos. Percebíamos que esses eram tratados como “resto”.

Na terceira questão que era “Alem da escola, diga outros lugares em que você percebe exclusão” obtivemos as seguintes respostas: Na rua, em casa, em trabalhos de grupo, em escolinhas esportivas, na televisão e na igreja. Houve muitas respostas mencionando na “Rua”, pois a sociedade capitalista em que vivemos vive da competição e isso fica muito perceptível para todos, inclusive nossos alunos das sexta serie. Outra resposta que se destacou bastante é em “Casa”, o que nos mostra que a família Brasileira hoje sofre muito para se manter e acaba vivendo momentos hostis que são percebidos pelos alunos. Alunos esses que estão relacionando cada vez mais os conceitos da escola com o cotidiano, criando pontes entre o pensamento e o real. Coincidindo com o que diz no Coletivo de autores: O segundo ciclo vai da 4ª à 6ª séries. É o ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento. Nele o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, suas possibilidades de abstração, confronta os dados da realidade com as representações do seu pensamento sobre eles. Começa a estabelecer nexos, dependências e relações complexas, representadas no conceito e no real aparente, ou seja, no aparecer social. Ele dá um salto qualitativo quando começa a estabelecer generalizações (SOARES *et al.*, 1992, p.23).

Na quarta pergunta que era sobre “o que é Cooperação?” A resposta foi praticamente uma só que é: ajudar ao próximo, cooperar. Isso ficou evidente que eles sabem o conceito, mas é diferente saber de fazer, pois na prática constantemente não havia cooperação. Motivados pela competitividade individual eles preferiam não cooperar, mesmo sabendo dos inúmeros benefícios que temos com a cooperação. Isso se mostra na próxima questão!

Nossa ultima pergunta era “que benefícios temos com a cooperação?”, nessa se obteve inúmeras respostas, são elas: amizade, união, apoio, vitórias, conforto, amor, respeito, aprendizagem, uma aula boa, inclusão. Palavras essas que são gratificantes para nos professores, pois comprovou que os alunos sabem os inúmeros benefícios de se trabalhar em grupo. Entretanto ainda ficou evidente que é difícil jogar um jogo sem ser competitivo. A competição é inerente em todos e é um meio de sobrevivência na sociedade capitalista, mas podemos crescer ainda mais se trabalharmos juntos de maneira cooperativa. Isso nos ensina a viver em uma sociedade mais pacífica, mais solidaria e inclusiva. O que oferta a todos um futuro melhor mais otimista.

Na quinta aula trabalhamos com quatro perguntas que entregamos para ser respondidas em grupo, todas elas continham situações inclusivas, obtivemos boas respostas e como ponto destaque colocaremos uma aluna que em nome de seu grupo encontrou uma maneira de ajudar um aluno cego em uma aula de vídeo. Ela disse que iria sentar perto, detalhar as cenas durante o filme e ao final esclareceria as dúvidas desse aluno. Uma atitude como essa aprendemos em curso superior, por isso foi gratificante ouvir de uma aluna da sexta serie. Fatores como esses legitimam a importância de se trabalhar temas sociais nas aulas de Educação Física.

Um momento que caracterizou como um ponto destaque que foi para nós um grande desafio que conseguimos atingir, foi a participação efetiva de todos os alunos em uma dinâmica que consistia de que todos ao mesmo tempo sentassem um no colo do outro em um grande círculo. Uma atividade simples, mas que trouxe para nós a certeza de que qualquer atividade pode ser aplicada se trabalharmos junto com elas questões como respeito e cooperação coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exclusão social se faz muito presente em nossa sociedade capitalista onde o maior e melhor triunfam sobre os outros, que desfavorecidos tendem a sucumbir e se tornarem cada vez mais excluídos. O nosso tema, "Exclusão Social" nesse estágio que a princípio pensávamos que seria complicado de se trabalhar na Educação Física, nos mostrou que estávamos equivocados. Foi mais simples do que pensávamos, pois isso esta muito presente na escola.

Em uma aula de Educação Física a exclusão se mostra mais evidente ainda, pois normalmente são favorecidos os mais fortes fisicamente, deixando os menos prevalecidos de força discriminados e rotulados de forma com que para esses a aula seja um momento trágico. O Estágio serviu para nos mostrar que temas como esse podem e devem ser utilizados em aulas, pois favorecem o trabalho em grupo, o respeito pelas diferenças, a valorização de cada um e acima de tudo, todos saem ganhando com uma atividade saudável e prazerosa.

Ficou evidente em nossas aulas que os alunos têm conhecimento e vivem em situações excludentes. Muitos já estavam preparados para mais uma aula de Educação Física na qual somente alguns se destacariam, mas com muito trabalho fizemos todos participarem de forma efetiva e reflexiva.

Entretanto percebemos que mesmo com nossa interferência, alguns alunos tendem a continuarem sendo muito competitivos e individualistas. Discussões, conflitos de regras, tentativas de ganhar a vitória de formas ilícitas, tudo isso ocorreu em diversos momentos. Para uma outra aula de Educação Física isso seria um problema, entretanto para as nossas aulas, quando tudo isso acontecia servia mais ainda para argumentarmos no final da prática. Isso gerou diversos momentos reflexivos, que para muitos alunos ficará guardado e ajudará em sua formação como cidadão crítico e reflexivo.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

- AMARAL, Jader Denicol do. **Jogos cooperativos**. 4. ed. ver. e ampl. São Paulo: Phorte, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BROTTO, Fabio Otuzi. **Jogos Cooperativos: se o importante é competir o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina *et al.* A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v.15, n.1, jan./fev./mar./abr./maio/jun. 2001. p.17-32.
- DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. p.17.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Fundamentos Teóricos e Práticos do Trabalho docente** - estudo introdutório sobre pedagogia e didática. Tese de Doutorado. PUC, SP, 1990.
- MACHADO, Ana Lúcia; HOHMANN, Cláudia Kuinta Dias. **Processos de ensino e aprendizagem**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2008. p.125-127.
- QUEIROZ, Renato da Silva. **Não vi e não gostei O fenômeno do preconceito**. São Paulo: Moderna, 1995.

SCARPATO, Marta *et al.* **Educação física – como planejar as aulas na educação básica.** São Paulo: Avercamp, 2007. p.25.

SOARES, Carmem Lucia *et al.* **Metodologia do Ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

ENDEREÇO: RUA CHILE, Nº 123, APTO 203
BAIRRO DAS NAÇÕES
BALNEÁRIO CAMBORIÚ, SC
CEP 88338-320
TELEFONE: 47 9916-4377/ 47 3366-1333
bc.leandro@gmail.com